

Conflito, ódio e narrativa do dano: a crise brasileira e as conversações nos comentários da *Veja* no *facebook*¹

Geilson Fernandes de OLIVEIRA²

Maria das Graças Pinto COELHO³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O presente artigo visa analisar as conversações estabelecidas na página da Revista *Veja* no site de rede social *Facebook* no contexto da crise política e econômica brasileira. Para tanto, selecionam-se comentários produzidos em postagens referentes à crise entre os anos de 2015 e 2016, intervalo de tempo marcado por tensões que radicalizam o cenário de crises. O desenvolvimento das análises toma como base a etnometodologia e a sua abordagem sobre a análise da conversa como aportes metodológicos, observando questões contextuais, os sentidos produzidos nas conversações e os métodos ou gramáticas culturais utilizadas. As reflexões empreendidas apontam a crise como condição de possibilidade para a irrupção de conflitos e emoções que se pautam em raiva e ódio, constituindo uma narrativa do dano e indicando outras formas de convívio e sociabilidade no que se refere ao Brasil e ao seu povo.

PALAVRAS-CHAVE: comentários; *Veja*; emoções; sociabilidades.

INTRODUÇÃO

Crise. Certamente, esta é uma das palavras mais ouvidas e enunciadas na contemporaneidade. É um verbete que parece estar na moda. Todos falam sobre crise na economia, na política, nos modelos históricos, éticos e morais, nos paradigmas socialmente construídos, etc. No discurso da mídia, o termo passa por um intenso processo de produção e circulação que lhe fornece significados diversos. Mas, qual seria, de fato, o seu significado? Há um significado? Como encontrá-lo diante de um contexto em que de tanto ser mencionado, os seus sentidos são esvaziados frente a uma discursivização que é cada vez mais subjetiva e atende a princípios próprios?

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Estudos da Mídia (UFRN). Professor auxiliar do Departamento de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Membro do GEMINI - Análises e Pesquisas em Cultura, Processos e Produtos Midiáticos (UFRN) e do grupo de pesquisa Informação, Cultura e Práticas Sociais (UERN). E-mail: geilson_fernandes@hotmail.com

³ Professora titular do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pós-doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ). Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (UFRN). Membro do GEMINI - Análises e Pesquisas em Cultura, Processos e Produtos Midiáticos (UFRN). E-mail: gpcoelho8@gmail.com

Advinda da palavra grega *Krisis* (κρίσις), o termo crise tem como significado o “resultado de um juízo”, “ponto crítico”, “decisão”, “disputa”, etc. (SERRES, 2017; BAUMAN, BORDONI, 2016). Tais sentidos revelam aspectos que tem sido recorrentes não só na sociedade brasileira contemporânea, mas em todo o globo terrestre, os quais, como podem ser observados a partir dos significados do verbete, são multifacetados, o que já de início desconsidera visões sobre a crise como sendo algo com uma ordem determinada, pronta e acabada. Com sentidos polissêmicos, na medicina hipocrática, crise significa o momento que antecede e define o ponto culminante de alguma doença, podendo orientar-se tanto para o agravamento quanto para a cura. É, assim, um momento de transição, para o bem ou para o mal, entre uma fase de prosperidade e depressão. Por este viés, é cenário para a emergência tanto da novidade como da obsolescência (SERRES, 2017).

Se as crises, em suas variadas formas, se tornaram cada vez mais recorrentes e tiveram os seus raios de expansão ampliados, não há como negar os seus efeitos e reconfigurações em território brasileiro. Segundo Carvalho (2018, p. 35), “a crise de 2008-9 chega ao Brasil com efeitos similares aos que atingiram outros países emergentes: contração do crédito, queda no preço das commodities e, com a forte saída de capitais estrangeiros, desvalorização do real em relação ao dólar”, o que resultou em uma contração substancial nos dois trimestres consecutivos de queda do PIB (Produto Interno Bruto). Logo, foram tomadas iniciativas que pudessem deter a chegada ou estadia da crise, como a oferta de crédito para manter a economia aquecida, incentivo ao comércio externo, redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) de produtos da chamada linha branca visando estimular o consumo, etc. Contudo, com a quebra dos bancos nos EUA e Europa, a cotação de algumas empresas na Bovespa caiu consideravelmente, sem citar a alta do dólar e desvalorização do real, que provocaram prejuízos para as empresas exportadoras, evidenciando, segundo Sister (2009), a entrada da crise no Brasil pela porta financeira. Com efeito, a existência ou os reflexos da crise econômica logo se tornaram inegáveis em solo brasileiro.

Há de se ressaltar, porém, que o aspecto que tornou o quadro nacional mais complexo em relação a crise foi a entrada do fator político, que produziu um padrão de instabilidades bem mais confuso e contundente. Dentre os fatores que demarcam essa dimensão, três merecem maior destaque: as jornadas de junho de 2013, as eleições presidenciais de 2014 e o *impeachment* sofrido por Dilma Rousseff em 2016, isso sem

citar os acontecimentos mais recentes. Nesse contexto, ao mesmo tempo em que a crise política e econômica se agrava, se identifica um aprofundamento dos conflitos e tensões em toda a sociedade brasileira, havendo um esgarçamento do seu tecido social (SOUZA, 2019), de modo que o diálogo parece perder cada vez mais espaço para as intolerâncias e que passam a circular efusivamente. Considerando o contexto de crise e estas transformações que complexificaram o cenário público de discussões, caracterizado cada vez mais pela ausência da escuta e aumento dos conflitos, o presente artigo tem como objetivo, a partir das conversações produzidas no espaço de comentários da página da revista *Veja no facebook*⁴ durante os anos de 2015 e 2016⁵, analisar a emergência desses conflitos e suas articulações com a raiva e o ódio, aspectos que se mostram como reflexos das movimentações e tensionamentos pelos quais passa a própria sociedade brasileira.

A demarcação desse período se dá levando em conta a irrupção de sociabilidades e emoções que passaram a desvelar outros sentidos sobre as relações sociais no Brasil, fortemente afetadas e moldadas pelo cenário de crise. É nesse período que algumas tensões atingem um dos seus momentos mais elevados. No campo da economia, houve a queda nos investimentos e decréscimo do PIB (Produto Interno Bruto); no campo da política, compreende o pós-eleições 2014, o início do conturbado segundo mandato de Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores – PT) em 2015, as manifestações pró e contra o seu *impeachment* (2015-2016), o *impeachment* propriamente dito (2016), a divulgação de escândalos de corrupção (Lava Jato) e a ascensão de Temer (Movimento Democrático Brasileiro – MDB) ao poder em 2016, acontecimentos que foram amplamente acompanhados por uma torrente de comentários produzidos e expressos nos *sites* de redes sociais, os quais (re)produziam e (res)significavam os eventos em curso.

Em termos metodológicos, para o desenvolvimento das análises toma-se como base a abordagem etnometodológica (GARFINKEL, 2018; WATSON, GASTALDO, 2015) e suas discussões sobre a análise da conversa, atentando para os métodos culturais

⁴ A página da *Veja* (<https://www.facebook.com/Veja/>) foi selecionada tendo em vista o fato de possuir a maior quantidade de curtidas e seguidores quando se observa o nicho das revistas jornalísticas no *Facebook* (7.032.376 de curtidas e 6.939.302 seguidores), estando, nesse sentido, à frente das páginas de outras revistas que também estão presentes nesta rede social, como *Exame* (4.125.012 curtidas e 4.072.837 seguidores), *Época* (2.325.123 curtidas e 2.307.843 seguidores), *IstoÉ* (2.363.683 curtidas e 2.348.253 seguidores), *Carta Capital* (1.841.359 curtidas e 1.813.953 seguidores) e outras, conforme observado até junho de 2020. Por sua vez, o *Facebook* foi escolhido por ser um dos principais sites de rede sociais que concentraram e ainda concentram as discussões sobre política no Brasil, como indica Ortelado (2018).

⁵ O processo de coleta dos dados, feito a partir de processos de extração e mineração de dados digitais via APIs (*Application Programming Interface*), foi realizado por meio de uma parceria estabelecida entre os coordenadores do Grupo de Estudos da Mídia (GEMINI), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC), do Departamento de Comunicação Social (DECOM), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

utilizados pelos comentadores para dar sentido aos seus posicionamentos e discursos. Para tanto, ressalta-se que não foram selecionados todos os comentários referentes a todas as postagens da página da *Veja*, mas somente os que foram produzidos a partir de *posts* que se referiam diretamente a questão da crise política e econômica brasileira⁶. Mesmo assim, levando em conta o seu contexto, a quantidade de *posts* e, por conseguinte, de comentários relativos à temática da crise foi expressiva⁷. Frente a essa questão, optou-se pela análise dos 50 primeiros comentários de cada *post* selecionado, considerando que após esse número foi observado uma repetição e esvaziamento de temas e discussões.

Considerando esses aspectos, tendo em vista a impossibilidade de trazer uma amostragem mais ampla e tomando como base a abordagem qualitativa das análises e os limites deste artigo, são apresentados e refletidos aqui comentários que podem ser tomados como um padrão das conversações produzidas em rede em meio ao cenário já descrito⁸. Pelo viés etnometodológico, são observados mais do que os sentidos dessas trocas, a sua indicialidade, contextos de produção, sentidos e sociabilidades, com ênfase na análise dos métodos culturais utilizados pelos comentadores para compor as gramáticas sociais e afetivas expressas pelas mensagens.

Com efeito, as reflexões propostas tensionam os eixos relativos à crise política e econômica brasileira e os conflitos a partir dela produzidos, articulando tais discussões à emergência ou descortinamento de determinadas emoções e sociabilidades, as quais tem demarcado um quadro permeado por intolerâncias e julgamentos morais.

Conflitos, ódio e narrativa do dano

A partir da análise das conversações produzidas nos comentários da página da *Veja* no site de rede social *facebook* durante os anos de 2015 e 2016, torna-se perceptível o quanto os conflitos engendrados por parte dos comentadores acompanham o desenvolvimento da crise política e econômica brasileira, de modo que há uma radicalização desses conflitos justamente nos momentos em que a crise se aprofunda. Nesse contexto, o que aparece com grande efervescência é a radicalização do conflito

⁶ Como é o caso de enunciados referentes a cortes e queda da economia, corrupção e crise política, quebra e fechamento de empresas, etc.; os quais em sua maioria eram acompanhados com os nomes de personagens como Dilma, Lula, Temer, Cunha, Aécio Neves e outros temas, como Bolsa Família, Lava Jato, PT, PMDB entre outros.

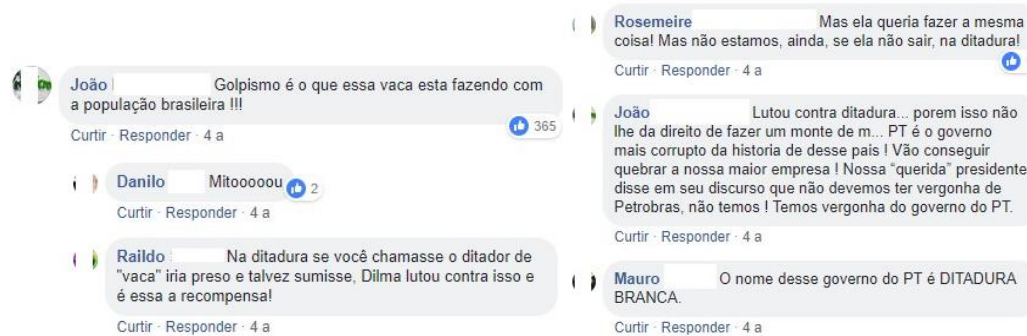
⁷ A título de exemplo, o *post* que enuncia sobre a decisão do *impeachment* de Dilma na página da *Veja*, em 31 de agosto de 2016, teve 15.901 comentários.

⁸ Para uma visão mais ampla da empiria e do tema aqui discutido, consultar a tese “Crise brasileira e conflitos discursivos: sociabilidades e emoções nas conversações das páginas das revistas *Veja* e *Carta Capital* no Facebook (2015-2016)” (OLIVEIRA, 2019), disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28108>.

enquanto uma forma de sociabilidade (SIMMEL, 1983), quando apesar das discussões, os sujeitos parecem não ceder à argumentação do outro. São nesses momentos em que as emoções são acionadas de modo mais efetivo, transbordando para além da superfície das relações, quando insurgem a raiva e o ódio, emoções que são identificadas com maior recorrência nos circuitos midiáticos investigados, o que parece dizer muito sobre o tempo presente.

Associadas aos conflitos, as emoções os fortalecem, dando um novo tom e uma nova dinâmica, tornando as discussões mais longas e acaloradas.

Figura 1 – Conflitos em torno do golpe e raiva (Veja)⁹.



Fonte: *Post* Revista *Veja*. Disponível em: <https://bitly.com/Hzswq>. Acesso em: 13 maio 2018.

As expressões da raiva são muito recorrentes, como no caso acima (figura 1), quando as discussões visam dar conta do termo mais adequado para classificar o afastamento da presidenta Dilma Rousseff, visto como um golpe pelos seus partidários e classificado como um processo legal de *impeachment* pelos seus oponentes, o que logo dá lugar a raiva e, logo mais adiante, ao ódio. Os comentários dizem respeito a *post*¹⁰ que afirmava que, acuada, Dilma pedia mobilização contra o “golpismo”, palavra apresentada entre aspas no próprio texto da página da *Veja*, o que já mobiliza e induz determinados modos de leitura por parte do público que classifica o acontecimento como um *impeachment*, através dos comentários que refutam a colocação da presidenta, dizendo não se tratar de um golpe, ressignificando os sentidos do termo, pois golpismo, segundo eles, trata-se do que a presidenta fez com a população brasileira, comprovando o argumento de Blauvet (2007, p. 119 apud AHMED, 2014) de que a raiva “sugere ação,

⁹ As conversações aqui analisadas possuem um caráter público, uma vez que são dispostas como comentários nas postagens da página da revista *Veja*. Apesar disso, considerando questões éticas, as imagens e os sobrenomes dos comentadores não serão expostos, sendo apresentados para identificação apenas os primeiros nomes.

¹⁰ Considerando a grande quantidade de conteúdo analisado durante os dois anos, são trazidas aqui, como recorte, figuras referentes à *posts* e comentários que explicitam o cenário de crise e sua articulação em relação às emoções. A empiria apresentada é, então, um expoente daquilo que é identificado com regularidade quando das análises.

baseia-se na posse de direitos e implica poder”, elementos que são articulados e sustentam a produção e expressão da raiva.

Nesse caso, o conflito, aqui tomado como uma forma pura de sociação (SIMMEL, 1983), se articula com as emoções demonstrando um posicionamento específico em relação à Dilma, que inclusive é chamada de vaca, aspecto que, para além de um xingamento, promove a animalização do outro, uma das muitas estratégias utilizadas pelos mecanismos da raiva, uma vez que o sujeito que a enuncia busca se distinguir desse outro, tirando-lhe toda a humanidade. Tal comentário é respaldado por meio de outras respostas, exceto por uma que rememora as vivências da presidenta durante o período da ditadura, quando se expressar contra o representante máximo da nação poderia ter resultados muito negativos, o que também logo é respondido pela afirmação de que não se está vivendo em uma ditadura e de que apesar das lutas empreendidas por Dilma, ela não possui o direito de tomar medidas que, de acordo com o ponto de vista apresentado, prejudica o país e todo o seu povo. Em uma única conversação, conflitos, raiva, ódio e misoginia se fazem presentes, aspectos que explicitam, desde já, que as emoções interagem umas com as outras de formas diabolicamente complexas (JASPER, 2006, p. 24, tradução nossa¹¹), o que é corroborado por Dunker (2017, p. 72), ao afirmar que “os afetos são recíprocos porque eles tendem a efetuar uma reprodução performativa de si mesmo no outro [...]”, muitas vezes não sendo possível, dessa forma, analisar uma emoção sem ter que também lidar com outras.

Segundo Ahmed (2014), alguns teóricos descrevem as emoções como sendo formas de julgamentos, o que se aplica ao caso da raiva, quando, como visto (figura 1), Dilma Rousseff e suas ações são julgadas a partir de determinados vieses. Na elaboração dos pontos concernentes a esse julgamento, processam-se avaliações, atitudes e reflexões particulares, construídas conforme os modos de apreender o mundo daquele sujeito, o que implica dizer que as emoções não são irracionais, mas resultantes de esquemas e processos de reflexão particulares, o que se articula e fortalece o argumento etnometodológico de que as ações dos sujeitos são sempre reflexivas, racionalizadas e performativizadas de acordo com cada contexto de ação, o que se dá, nesse sentido, a partir de métodos específicos. Ou seja, através desses posicionamentos permeados por emoções, que atuam como formas de julgamento, se revela o quanto os sujeitos são usuários astutos de métodos culturais para expressar suas opiniões e avaliações, o que

¹¹ No original: “Emotions interact with one another in devilishly complex ways” (JASPER, 2006, p. 24).

implica dizer que os sujeitos possuem consciência do que estão fazendo. As emoções, nesse caso específico, a raiva, visa dar conta dos modos pelos quais o sujeito se sente em relação aos fatos e acontecimentos avaliados.

Xingamentos e palavras de baixo calão fazem parte do vocabulário da raiva, assim como a negação ou refutação de determinados acontecimentos, visando lhe dar descrédito por meio de avaliações e julgamentos que embora sejam reflexivos, não estão necessariamente amparados em fatos, como a acusação raivosa de que o Brasil estaria vivendo uma “ditadura branca”, ou que o PT seria o partido mais corrupto do país, o que é feito com elementos argumentativos que objetivam se afirmar e desvalorizar os outros. Etimologicamente, a palavra raiva vem do latim *rabies*, a qual remete a acesso de fúria, um arrebatamento violento, cólera, o que a identifica como uma emoção que desponta a irritação e agressividade, elementos que podem ser motivados devido à ocorrência de aborrecimentos ou frustrações – como o contexto político e econômico, no caso dos comentários analisados. Por ser uma emoção que geralmente é vista como associada ao descontrole, a raiva é também uma das emoções mais depreciadas em meio a um regime emocional da positividade (FREIRE FILHO, 2014).

De acordo com Rezende e Coelho (2010), há um forte componente moral na raiva, explicitando que em alguns momentos se é mais aceitável senti-la que em outros, indo além de um sentimento que o indivíduo sente de forma privada. Conforme as autoras, “está em questão assim não apenas a pessoa que sente a raiva mas também o conjunto de relações sociais ao seu redor [...]” (p. 39). Por sua vez, Walton (2007) afirma que “em alguns contextos culturais, exprimir a raiva é vergonhoso, um reconhecimento público de rendição à perda de controle e às paixões animais que campeiam intimamente” (p. 72). Todavia, com a circulação fulgurante desta emoção nos comentários analisados, a sua demonstração nos fóruns do ciberespaço não parece ser motivo de vergonha no caso brasileiro. Inversamente, tais espaços passam a acolher e dar vazão as mais distintas especulações, posturas e ânimos de forma pública, delineando, como coloca Freire Filho (2014), um panorama dos sentidos de justiça e horizontes morais do Brasil contemporâneo, o qual se efetiva a partir de condições sociais e históricas de possibilidades dadas, com predominância do cenário de crise.

Nos comentários, os sujeitos apontam o governo de Dilma e a sua figura como sendo os culpados pela crise política e econômica, daí serem os principais alvos da raiva. A gramática de comportamentos dessa emoção pode dar lugar a componentes diversos,

como acusações, preconceitos, insultos, sarcasmos, vocabulário formado por termos depreciativos e não utilizados em outras situações. Hoepfner (2017, p. 32) reforça como sendo uma das características da raiva o desejo de fazer com que a outra pessoa identificada como causa daquele estado passe pela mesma situação, apontando para um estado de liberação da emoção, enquanto que para a pessoa que sente ódio, ver o outro enfrentar a mesma situação já não é mais suficiente, de modo que outros castigos mais severos se tornam necessários, alguns, podendo incidir sobre a eliminação da própria existência do sujeito causador, de modo que não há o sentimento de pena ou compaixão pelo objeto de ódio, o que ainda pode ser experienciado por aquele que sente raiva, estando aí, segundo a autora, a principal diferença entre uma emoção e outra. Por esse viés, o ódio seria uma intensificação ou manifestação crônica da raiva, sua forma envelhecida e não superada.

Diferente do que aconteceu com outras emoções, como o amor e a felicidade, que foram amplamente estudadas e debatidas por filósofos desde a antiguidade, o ódio não foi considerado como um foco de discussões, destaca Hoepfner (2017, p. 28), indicando que por muito tempo essa emoção foi tematizada quase exclusivamente em oposição ao amor, carecendo, portanto, de olhares mais aprofundados. Pela ótica da moral cristã, o ódio é uma emoção que deve ser evitada ou, quando já existente, deve ser reparada pelo exercício do perdão, não sendo desejável para a vivência harmoniosa e produtiva da comunidade, possuindo um valor moral que se distancia do sentido de virtude, sendo, portanto, moralmente pejorativo (HOEPFNER, 2017, p. 35). Apesar desses preceitos, o ódio, que etimologicamente provém do latim *odium*, referindo-se a um tipo de aversão, indignação, ira contida, ao mesmo tempo violenta e duradoura, como um profundo estado de inimizade, é uma realidade e assume um valor moral de justiça em alguns dos comentários, especialmente naqueles que são direcionados para Lula e Dilma.

Figura 2 – O ódio como o desejo de morte (Veja).

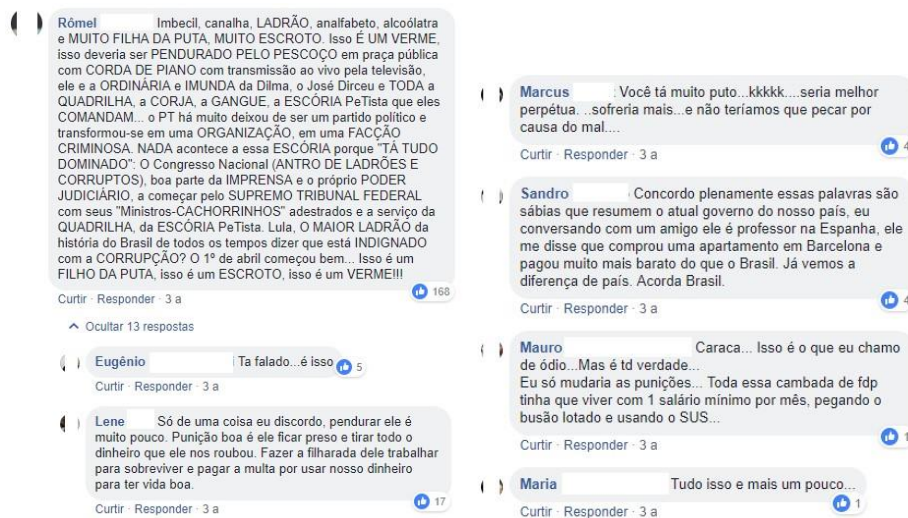


Fonte: Post Revista *Veja*. Disponível em: <https://bityli.com/41WgI>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Nessas conversações, o ódio se traduz literalmente na vontade de eliminação do outro, no caso Lula (figura 2 e 3) e Dilma (figura 4), como se fosse um julgamento e posterior castigo pelas atitudes vistas pelo olhar dos “juízes comentadores” como

equivocadas, as quais foram tomadas pelas figuras políticas mencionadas. A concretude desse ódio se expressa por meio da linguagem textual que incita o excesso, em que o ódio é projetado no outro a quem se agride, de modo que a sua mera existência é sentida como fator que leva a ausência de um estado de satisfação ou felicidade. Esse ódio se fundamenta em uma narrativa do dano, no sentido de que as figuras odiadas e condenadas a morte são tomadas como culpadas por todos os problemas que levaram ao contexto de crise e seus desdobramentos: desemprego, pouca circulação de capital, fechamento de empresas, etc. Melhor dizendo, nas conversações tem-se uma narrativa que explicita um dano sofrido pelos comentadores, o qual tem como principais culpados as figuras políticas destacadas, as quais, agora, têm que pagar pelo mal que foram/são responsáveis. O dano sofrido, nesse sentido, aparece como justificava para a promoção da raiva e do ódio ou, mais do que isso, a sua superação é apontada como sendo possível apenas quando aqueles/as que são apontados/as como culpados sofrerem o mesmo dano ou até mesmo deixarem de existir.

Figura 3 - O ódio como o desejo de morte (*Veja*).



Fonte: *Post Revista Veja*. Disponível em: <https://bityli.com/ffsmY>. Acesso em: 18 mar. 2016.

Com uma gramática cultural própria, se observa o conteúdo performativo do ódio como emoção, de modo que postula as formas pelas quais os outros devem ser eliminados, colocados fora do jogo, deixarem de existir, sempre deixando se perceber como fundamento para esse posicionamento uma narrativa do dano – as diferenças dos preços em uma casa na Espanha e no Brasil (como enunciado por *Sandro*, figura 3) ou os desafios de se viver com apenas um salário mínimo por mês – tentativa de equiparar a vida dos

políticos com a vida da maioria dos trabalhadores da sociedade brasileira (posição que se aproxima mais da expressão da raiva do que propriamente do ódio, já que prefere que o outro passe pela mesma dificuldade – ou dano – do que vir a ser eliminado, como proposto por *Mauro*, figura 3).

Em relação à Dilma, a lógica da narrativa do dano e o pressuposto de eliminação do objeto de ódio se repetem (figura 4). Dilma, assim como Lula, é colocada no lugar de ré, a pessoa culpada pelo estado de coisas decorrente da crise, devendo, portanto, ser fuzilada (indica *Nagib*, figura 4) ou até mesmo nem deveria ter chegado ao poder, pois melhor seria se ela tivesse sido morta quando torturada durante a ditadura militar brasileira (conforme indica *Paty*, figura 4). Conjuntamente, se articulam horizontes de moralidade e justiça que avaliam os acontecimentos a partir de vieses que não permitem ou dão margem para o erro, pelo menos não o do outro. Tal aspecto é intensificado ainda mais em relação à Dilma, o que explicita um viés também misógino

Figura 4 – O ódio como desejo de morte (*Veja*).



Fonte: *Post Revista Veja*. Disponível em: <https://bityli.com/mF0X9>. Acesso em: 18 abr. 2016.

Importante destacar que o ódio se apresenta de forma mais contundente nas conversações do que propriamente a raiva. Na lógica do ódio, o outro é tomado como o inimigo, como indica o comentário de *Sonia* (“*não existe adversário, existe inimigo*”; figura 4), não havendo espaço ou abertura para o contraditório, como pode se inferir quando do posicionamento distinto em relação à ditadura, no sentido de que nesse regime político, não há a garantia dos direitos mais básicos, como a liberdade, o que logo é apontado como algo a ser valorizado, mais uma vez indicando a sua necessidade para melhor lidar e castigar “terroristas” como Dilma (figura 4). A partir desse viés que não se

abre para o contraditório, formas de julgamento são estabelecidas e se assevera a premissa de que a responsabilidade sobre o dano e todas as intempéries sofridas está naquele que deve ser efetivamente objeto do ódio. A reflexão e cognição, nesse sentido, atua segundo perspectivas bem particulares, salientando que não deixam de ser reflexivas, pois faz algum tipo de sentido para aqueles que experienciam e expressam essas emoções.

Uma implicação do ódio é estar ligado diretamente à violência, muitas vezes se tratando da postulação da violência física propriamente dita com a finalidade da eliminação do outro, como já inferido a partir da análise dos comentários. A sua externalização se dá, especialmente, quando do encontro com esse outro, ou seja, com aquele que é odiado ou com quem o defende, o que explica porque os comentários dos *posts* que tratam ou citam Dilma, Lula e suas políticas serem aqueles em que o ódio se torna mais presente. Diferente do encontro entre os que partilham de uma mesma percepção, o encontro com o outro, objeto de ódio, é sempre violento e perturbador, apontando que a mera menção a esse outro ou os vestígios de suas políticas e ideias, atingiu aquele que odeia, que logo passa a vociferar os desejos de que o outro e tudo o que ele representa desapareçam.

Hoepfner (2017) enfatiza que o ódio também atua na construção e fortalecimento de grupos, implicando o estabelecimento de identidades e subjetividades expressamente marcadas e produzidas pelo ódio, bem como, demarca as diferenças em relação aos outros, isto é, com aqueles que são odiados. Os sujeitos odiados, como Lula, Dilma e o grupo que os defende, são vistos como aqueles a que se odeia e se quer distinguir, se distanciar, a tal ponto de propor e incentivar o seu desaparecimento, apontando a existência de julgamentos morais que buscam justificar esse posicionamento a partir de racionalizações pautadas em experiências, juízos de valor e sentenças. Articulado ao conflito, que também produz grupos, o ódio os reforça. A partir das relações de ódio, se constrói não somente a identidade de quem odeia, mas também daquele que é odiado, classificado como um intruso, alguém que deve ser mais que evitado, eliminado, pois sua identidade é entendida como representante de tudo aquilo que possa ter causado danos e perdas.

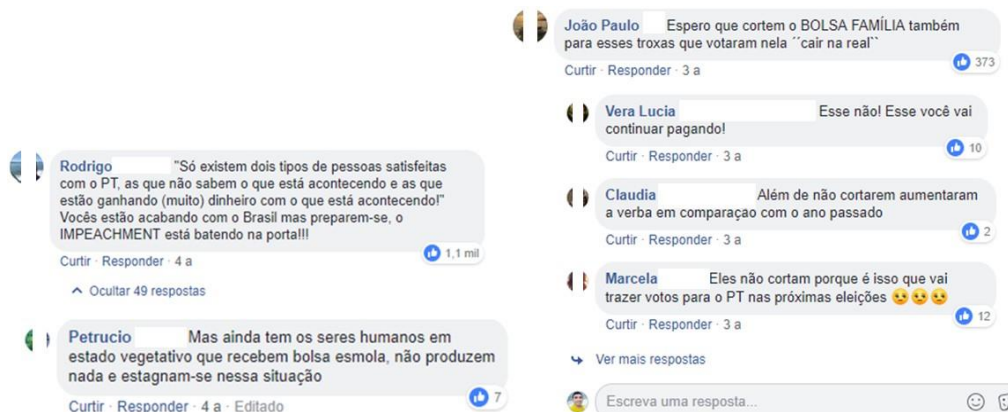
Esse outro faz com que os sujeitos que expressam o ódio pensem o seu sofrimento como causado por uma identidade intrusiva, que só atua com o sentido de perturbar a paz e harmonia antes existente. Essa perspectiva é compartilhada por Amaral (2011), ao afirmar que as disputas nos sites de redes sociais assinalam também uma disputa por

identidades, as quais tem como objetivo a demarcação de territórios, o que Ahmed (2014) define como uma diferenciação entre o “nós” e o “eles”. Dessa forma, os grupos e as identidades são fundadas, sustentadas e cultivadas em relações de antagonismos, sendo esse um elemento importante na construção de subjetividades e sociabilidades particulares, tanto de quem odeia, quanto de quem é odiado (HOEPFNER, 2017, p. 40).

Diferente da raiva, que possui uma constituição e expressão também pautada em julgamentos e avaliações, mas que logo são externalizadas e possuem um caráter mais imediato, visando que o outro de quem se sente raiva experimente a mesma sensação de frustração, com o ódio, essa sensação não se exaspera ou se resolve com a sua expressão ou pela percepção de que o outro também necessita enfrentar o mesmo sofrimento, como já visto. O ódio vai sendo alimentado e ganhando outras dimensões, que vão estabelecendo significações cada vez mais fechadas. Sobre esse ponto, citando La Haine (2003), Hoepfner (2017, p. 39) reitera que o “o ódio é feito de sangue coagulado”.

Nos comentários, o ódio se estende também para as ações dos governos do PT, uma vez que para além de Dilma e Lula, que são personalizados como os sujeitos odiados e mercedores dessa emoção devido as suas atuações no campo da política e da economia brasileira e os seus reflexos para a vida particular dos sujeitos que os odeiam, outro elemento representativo do ódio está relacionado as ideias e visões de mundo desses ex-presidentes. O Bolsa Família, programa de distribuição de renda, é corriqueiramente apontado como fonte de muitos dos problemas ocorridos na sociedade brasileira, assim como os sujeitos que são favorecidos por esse programa, vistos como “vagabundos”, “pessoas que não tem vontade de trabalhar”, que “pensam com a barriga”, etc.

Figuras 5 e 6 – Bolsa família.



Fonte: *Post Revista Veja*. Disponível em: <https://bityli.com/ST9EJ>. Acesso em: 15 ago. 2018.

Fonte: *Post Revista Veja*. Disponível em: <https://bityli.com/41WgI>. Acesso em: 15 ago. 2018.

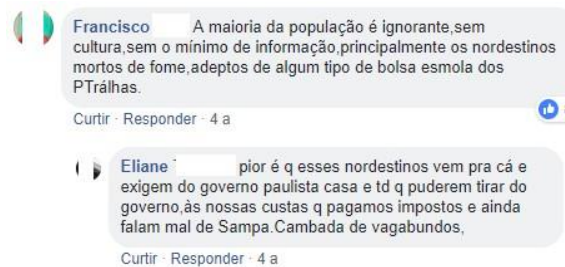
Articulado às figuras de Lula e Dilma, políticos que em seus governos investiram e estimularam o desenvolvimento e manutenção de projetos de distribuição de renda, o bolsa família é odiado, pois, na visão dos comentaristas, foi esse programa e os seus beneficiários que ajudaram a eleger Lula (em seu segundo mandato) e Dilma (primeiro e segundo mandato). O programa, destinado a famílias de baixa renda, é identificado como uma “*esmola*”, algo que não incentiva as pessoas a trabalharem ou buscarem outros meios de vida, como afirmado em comentário de *Petrucio* (“[...] *ainda tem os seres humanos em estado vegetativo que recebem bolsa esmola, não produzem nada e estagnam-se nessa situação*” – figura 5), posicionamento que mais uma vez parte de julgamentos e percepções morais sobre aqueles que dependem do programa para sobreviver.

O ódio contra o programa, pode ser visto como articulado aos conflitos de classes, pois alguns comentaristas acreditam que são eles (os não favorecidos pelo programa) que pagam para que outros que “não querem trabalhar” e se satisfazem com a “*esmola*” sejam beneficiados, ou seja, há o pensamento de que o fruto do trabalho de alguns sustenta e dá margem para que outros não trabalhem e mesmo assim sejam favorecidos pelo bolsa família. Esse ódio, segundo Souza (2019), está articulado aos conflitos de classe por ser traduzido, muitas vezes, como um ódio aos pobres, o que na visão do autor é uma continuação do ódio devotado ao escravo de antes. Há, inclusive, nesse sentido, o interesse de que “tudo volte a ser como antes” por uma parte da sociedade, infere o autor.

A torcida para que o programa seja cortado ou que deixe de receber investimentos (“*Espero que cortem o BOLSA FAMÍLIA também para esses troxas que votaram nela “cair na real”*” – figura 6) explicita bem esse ponto, o que na visão daqueles que defendem esse pressuposto, além de manter a divisão de classes de maneira mais demarcada, também faria com que os beneficiados buscassem trabalho, o que ajudaria a economia e, ao mesmo tempo, faria com que essas pessoas deixassem de apoiar Dilma, Lula e o PT, retornando a concepção de que aqueles que os apoiam são vagabundos ou, de algum modo, favorecidos. Revela-se, com isso, uma moralidade bem específica, a qual não busca a igualdade ou fraternidade, conforme pregado pelos ideais do cristianismo, mas outra que coloca os menos abastados sob formas cruéis e humilhantes, ao passo que, em seus julgamentos, há a indignação com um programa de distribuição de renda e com alguns políticos que nele investiram, mas não com outros políticos tão ou mais corruptos ou, até mesmo, com a corrupção cotidiana no Brasil.

Em alguns momentos, o ódio contra o bolsa família se traduz em um discurso de ódio, especialmente contra os nordestinos, na visão de parte dos comentaristas, os mais beneficiados pelo programa (figura 7). O discurso de ódio se distingue do ódio em si, pois não é voltado para um sujeito em específico, mas para características identitárias como raça, cor, gênero, etnia, nacionalidade, religião ou outras (WARNER, HIRSCHBERG, 2012, p. 19), sempre vistas por um viés depreciativo.

Figura 7 – Discurso de ódio.



Fonte: Post Revista *Veja*. Disponível em: <https://bitly.com/41WgI>. Acesso em: 14 jun. 2018.

Associado ao bolsa família (repetidamente também chamado de “bolsa esmola”), o discurso de ódio contra os nordestinos se articula ao mesmo entendimento referente ao ódio contra o bolsa família. Os nordestinos, como grupo identitário, são compreendidos como “ignorantes”, “sem cultura”, “pessoas que não tem acesso a um mínimo de informação”, “mortos de fome”, logo, sujeitos que tendem a apoiar o bolsa família, ou seja, “vagabundos”, como se depreende a partir dos comentários de *Francisco* e *Eliane* (“A maioria da população é ignorante, sem cultura, sem o mínimo de informação, principalmente os nordestinos mortos de fome, adeptos de algum tipo de bolsa emosa dos PTráilhas”, afirma o primeiro; ao que a segunda responde: “pior é que que esses nordestinos vem pra cá e exigem do governo paulista casa e td q puderem tirar do governo, às nossas custas q pagamos impostos e ainda falam mal de Sampa. Cambada de vagabundos” – figura 7).

Esse discurso tende a reforçar estereótipos e estigmas sociais, alimentando um ódio contra o diferente, ao mesmo tempo em que retoma a culpabilização desse outro, reforçando a narrativa do dano comumente utilizada. O dano identificado e visto como causado pelo outro logo se converter em ódio, assegura Ahmed (2014, p. 42), explicando que esse mesmo ódio tem como objetivo a defesa contra a lesão que causou o dano. “Tais narrativas funcionam gerando um sujeito que é ameaçado por outros imaginários cuja

proximidade ameaça não apenas tirar algo do sujeito (empregos, segurança, riqueza), mas tomar o lugar do sujeito” (AHMED, 2014, p. 43, tradução nossa¹²).

Com efeito, aqueles que perpetraram o ódio ou o discurso de ódio colocam-se a si mesmos como as vítimas, pessoas que sofreram danos e que agora clamam por algo que lhes é de direito, como uma forma de justiça perante o mundo, o que sustenta suas perspectivas, mesmo que isso possa ocorrer através do redesenho dos fatos e se baseiem em argumentações que, para outros, podem soar contraditórias ou facilmente contestáveis. A causa dos problemas, é então, por essa perspectiva, a proximidade com esse “outro”, a fonte dos problemas, aquele que é efetivamente culpado. Segundo Dunker (2017, p. 253), a emergência desse ódio está intimamente associado tanto aos acontecimentos ocorridos no Brasil desde 2010, se intensificando com as eleições de 2014 (o que se articula com os processos de crise), quanto com o rompimento dos pactos que recobriam experiências mais conflituosas, sendo um efeito ou reação colateral às demandas para dar conta dos novos traços identitários que insurgiram na cena pública (nova classe média, novos movimentos de direita e esquerda, movimentos feministas) etc. Os comentários descritos, interpretados e analisados explicitam bem isso, haja vista a formação de grupos identitários, assim como também demonstram que os conflitos e as emoções se expressam de forma performativa, ou seja, através do uso de métodos bem específicos.

Considerações finais

Diante das discussões realizadas, observa-se como condição de possibilidade básica para os conflitos e emoções destacadas o cenário de crise política e econômica brasileira, o que se articula a outros contextos mais gerais, haja vista a incidência global de problemas mais que econômicos, políticos, considerando o avanço do conservadorismo e de discursos fundamentalistas e xenofóbicos. Frente a isso, considerar a relação entre o conflito e as emoções é dar margem para a investigação dos outros sentidos e rumos que as discussões e disputas tomaram no caso brasileiro.

As emoções propiciam outros modos de sentir e lidar com os conflitos, reforçando a ocorrência de avaliações e julgamentos que justificam determinados posicionamentos, percepção que demonstra que as emoções não são formas irracionais de lidar com os

¹² No original: “Such narratives work by generating a subject that is endangered by imagined others whose proximity threatens not only to take something away from the subject (jobs, security, wealth), but to take the place of the subject” (AHMED, 2014, p. 43).

acontecimentos, mas, assim como propõe a etnometodologia em relação à ação social, implica reflexões e racionalizações práticas, no sentido de que as pessoas além de saberem o que dizem e fazem, sabem também porque sentem determinadas emoções e não outras em relação a alguns personagens do cenário de crise, como o caso dos que demonstram a raiva e o ódio contra Dilma e Lula, vistos como os principais culpados pela crise, personagens que merecem, portanto, na visão dos que os odeiam, passar por todos os sofrimentos que causaram a outros ou, mais do que isso, até mesmo, deixarem de existir.

A partir da narrativa do dano e da atribuição das posições de vítimas e culpados, os sujeitos que produzem comentários e estabelecem a conversação, demonstram suas motivações e justificativas para a raiva e o ódio sentidos contra Dilma e Lula, o que se estende ao bolsa família e aqueles que são favorecidos pelo programa, elementos que são calcadas em horizontes de moralidades particulares que objetivam o sentido de justiça, de modo que os sujeitos sentem-se no direito de enunciar suas avaliações e julgamentos, ocupando o espaço dos comentários para esse fim, desvelando mudanças em torno dos usos dos sites de redes sociais e, bem mais que isso, no que diz respeito às próprias emoções, que agora ganham vazão no espaço público, mesmo aquelas que por tanto tempo foram interditas por serem vistas como inteiramente negativas, como é o caso das que foram aqui destacadas: a raiva e o ódio, as quais são atreladas a modelos de moralidade e justiça que impõem e classificam sob um olhar particular quem são os sujeitos culpados pela crise, estimando, com efeito, quais formas de pena ou castigo essas pessoas merecem.

O tipo de moralidade em que se baseiam os comentários e a premissa a partir da qual se emite as avaliações e os julgamentos não se fundam nos preceitos da empatia ou piedade, mas no desprezo, riso e regozijo quando das desgraças alheias, bem como pela formatação detalhada dos desejos de vingança que estipulam qual modelo de sociedade deve existir. Tais emoções, sociabilidades e moralidades tem um caráter essencialmente político e revelam novas formas de ação. Contudo, a política dessas emoções, que é indissociável de julgamentos morais por ser um lugar de lutas por formas de vida, se caracteriza pela seletividade, já que aqueles de quem se sente raiva e ódio são escolhidos segundo critérios particulares, compondo uma forma de ação e um modelo moral contraditório.

A grande circulação da raiva e do ódio revela muito, também, sobre a própria contemporaneidade, assim como sobre as reconfigurações que vem ocorrendo no que remete aos imaginários relativos à identidade cultural brasileira. Ao analisar os comentários e relacioná-los com outros acontecimentos igualmente pautados em conflitos e emoções, depreende-se que um outro horizonte interpretativo para o Brasil e o seu povo está ganhando espaço, o qual contradiz os preceitos mitificados sobre o país como uma nação alegre, cordial, acolhedora e não afeita aos conflitos (FREYRE, 2005), como amplamente pregado por correntes teóricas, discursos institucionais e midiáticos. Nesse sentido, novos métodos culturais estão emergindo e ganhando vazão, explicitando formas de vida e de relacionamento pautadas em outras gramáticas. As noções de acolhimento, alegria, cordialidade, entre outras comumente atribuídas ao Brasil e ao seu povo dão espaço agora para outras categorias. Investigar e analisar estas mudanças, deve ser, nesse sentido, uma tarefa constante.

REFERÊNCIAS

- AHMED, S. **The cultural politics of emotion**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.
- AMARAL, A. Redes sociais, linguagens e disputas simbólicas. **ComCiência**, Campinas, v. 7, n. 131, 2011.
- BAUMAN, Z.; BORDONI, C. **Estado de crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- CARVALHO, L. **Valsa brasileira: do boom ao caos econômico**. São Paulo: Todavia, 2018.
- DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu editora, 2017.
- FREIRE FILHO, J. O circuito comunicacional das emoções: a Internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. **Anais do 38º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu – MG, 2014.
- FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. 50.ed. São Paulo: Global Editora. 2005.
- GARFINKEL, H. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HOEPFNER, S. G. Ensaio sobre o ódio – apologia da dúvida. In: **Revista Cadernos Sesc_Videobrasil 12: metafluxus: 2016/2017**. São Paulo: Edições Sesc; São Paulo: Videobrasil, 2017.
- JASPER, J. Emotions and the microfoundations of politics: rethinking ends and means. In: CLARKE, S.; HOGGETT, P.; THOMPSON, S. **Emotion, politics and society**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2006. p. 14-30.
- OLIVEIRA, G. F. **Crise brasileira e conflitos discursivos: sociabilidades e emoções nas conversações das páginas das revistas Veja e Carta Capital no Facebook (2015-2016)**. 2019. 221f. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- OLIVEIRA, G. F.; COELHO, M. G. P. Crise política e conflitos discursivos em redes sociodigitais: emoções, cultura e identidade no Brasil contemporâneo. **E-compós** (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), v. 22, jan-dez, publicação contínua, 2019.
- OLIVEIRA, G. F.; COELHO, M. G. P. A crise brasileira em revista: discursos prescritivos e sentimentos mediados. **Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 17, n. 34, jul./dez. 2018**.

-
- ORTELADO, P. Mapping Brazils political polarization. **The conversation**. Disponível em: <https://bitly.com/0M7yR> Acesso em: 14 jun. 2020.
- REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- SERRES, M. **Tempo de crise**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- SIMMEL, G. A Natureza Sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, E (org.). **Simmel: Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.
- SISTER, S. A crise do dinheiro solto. In: SISTER, S. **O abc da crise**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.
- SOUZA, J. **A elite do atraso: da escravidão à Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.
- WALTON, S. **Uma história das emoções**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- WARNER, W.; HIRSCHBERG, J. Detecting Hate Speech on theWorldWideWeb. **Proceedings of the 2012 Workshop on Language in Social Media (LSM 2012)**, pages 19–26, Montreal, Canada, June 7, 2012.
- WATSON, R.; GASTALDO, E. **Etnometodologia & Análise da conversa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.